

## Poesia de aluna da UM conquista vários prémios literários

Começou a escrever poesia por iniciativa própria quando tinha 13 anos e desde então nunca mais parou. Com ela tem conquistado inúmeros prémios a nível nacional, dois dos quais lhe valeram a edição de dois livros. Chama-se Sara Costa e frequenta o 3º ano do curso de Línguas e Culturas Orientais, na Universidade do Minho (UM), porque a animação japonesa que via em criança a fez apaixonar-se pelo Extremo Oriente. São duas áreas de interesse distintas, mas que têm em comum a possibilidade de darem a ver o mundo de uma outra perspectiva.

Sara Costa. Foto: Carla Lameira Quando começou a escrever, Sara Costa era ainda muito nova e como tal a tarefa não foi nada fácil. Valeram-lhe as influências de &ldquo;alguns autores contemporâneos de uma onda simbolista e surrealista, sobretudo aqueles que me foram apresentados por um amigo, também ele escritor&rdquo;, conta Sara. A partir desse momento ficou &ldquo;viciada&rdquo; em Al Berto, poeta que marcou bastante a sua escrita, e identificou-se com os franceses Rimbaud, Baudelaire e Mallarmé. Entre os portugueses dá preferência a Herberto Helder, Nuno Júdice e Daniel Faria. Em todos eles encontrou uma forma e um estilo de expressão nos quais se revê. Mas a inspiração, essa encontra-a se em coisas mais triviais. &ldquo;O facto de existir, o nosso dia-a-dia é por si só uma fonte de inspiração&rdquo;, explica.

Sara encara a sua poesia como &ldquo;uma descodificação e uma personalização do real&rdquo;, uma forma de tornar objectivo aquilo que visualiza, daí que não exista uma temática dominante nos dois livros que tem publicados: &ldquo;A Melancolia das Mãos e Outros Rasgos&rdquo; (2004) e &ldquo;Uma Devastação Inteligente&rdquo; (2006). Neste último &ldquo;não há um tema, há determinadas nuances que percorrem o livro, mas que sinceramente não foram intencionais e são mais percebidas pelo leitor&rdquo;, esclarece. &ldquo;Há uma certa desorganização na vida cultural&rdquo; em Portugal

Apesar de ser ainda muito jovem, a sua lista de prémios literários é já bastante extensa. Entre primeiros lugares, menções honrosas, prémios revelação, participações em revistas e em colectâneas internacionais de poesia, soma cerca de duas dezenas de prémios. O sucesso e reconhecimento devem-se essencialmente à sua insistência já que desde cedo que a eles concorre. Acha-os importantes para orientar o escritor e dar-lhe uma prova da sua qualidade, mas vê-os como &ldquo;coisas que apenas confirmam que algumas pessoas leram&rdquo; o seu trabalho e gostaram dele porque &ldquo;em Portugal, ganhar prémios literários não tem repercussão absolutamente nenhuma&rdquo;, afirma a escritora. Na sua opinião não há quem procure editar as obras. &ldquo;Parece haver apenas um grupo de amigos [de editores] que vão editando as suas obras. O que valorizam afinal? Isso faz-me confusão, porque tento entrar no mercado de consumo através dos meus valores artísticos e da minha capacidade artística. Acho que há uma certa desorganização na vida cultural&rdquo;, lamenta Sara.

Aqueles que consideram que a poesia está fora de moda são, para a jovem escritora, aqueles que não a conhecem ou que nunca se esforçaram por isso, que nunca tiveram vontade de explorá-la. E faz uma comparação com a sétima arte, mostrando que da mesma forma que o cinema se vai tornando mais contemporâneo e artístico, também a poesia segue esse caminho da experimentação. &ldquo;Há boa poesia capaz de cativar muita gente, mas nunca é explorada&rdquo;, conclui. &ldquo;Centralizamo-nos completamente naquilo que é ocidental&rdquo;

O fascínio pelo Extremo Oriente, sobretudo pelo Japão, e o interesse em conhecer outras formas de estar no mundo fizeram-na optar por estudar Línguas e Culturas Orientais, nomeadamente a chinesa e a japonesa, na UM. No próximo ano lectivo, Sara vai aprofundar os seus conhecimentos linguísticos na Universidade de Tienjin, na China, onde espera permanecer por um período de dois anos. &ldquo;Nesse aspecto sou um bocado aventureira&rdquo;, confessa. Em parceria com o seu professor de Japonês, Sara coordena o BUNGAKU, um Clube de Literatura Japonesa fundado pelo docente e pelos alunos do curso. &ldquo;Decidimos que era interessante fundar o BUNGAKU porque estamos numa realidade muito etnocêntrica. Centralizamo-nos completamente naquilo que é ocidental, naquilo que é europeu. Parece que só houve Literatura na Europa e em mais lado nenhum&rdquo;, critica a estudante. &ldquo;Temos que descentralizar isso, pois não faz sentido que assim seja.&rdquo;

No futuro, Sara Costa pretende continuar a escrever. Apesar de agora não o fazer com a mesma regularidade que antes, pois os estudos ocupam-lhe grande parte do tempo, não acha que isso seja negativo: &ldquo;Assim tenho tempo para respirar entre uma obra e outra e se calhar saem coisas diferentes&rdquo;, o que não acontecia quando escrevia com mais frequência, porque &ldquo;se houvesse uma força dominante, em termos temáticos era tudo sempre igual.&rdquo; Agora o seu objectivo é escrever um romance e espera reunir material suficiente para o fazer com a experiência que vai viver na China. Quanto à poesia, a jovem não pretende deixá-la para trás e pondera mesmo a possibilidade de fazê-la em chinês. &ldquo;Ainda não sei o suficiente, mas quando dominar [a língua] é uma hipótese.&rdquo;

09/11/2007  
Carla Lameira